



## **CONVOQUE O SEU BUDA, O CLIMA TÁ TENSO<sup>1</sup> - UMA ANÁLISE CONTEMPLATIVA DA IMAGEM DO BUDA EM OBRAS DE ARTE CONTEMPORÂNEAS OCIDENTAIS**

*Gabriela Pimenta Martins<sup>2</sup>*

### **RESUMO**

Este artigo pretende observar, descrever e analisar obras de arte ocidentais contemporâneas que retratam ou tenham como tema a figura do Buda. As obras podem ser de estilos diversos, desde que se apresentem deslocadas de templos ou locais sagrados. A ideia é tentar compreender o olhar ocidental para a figura iconográfica e simbólica do Buda e qual o seu lugar para aqueles que as contemplem.

**PALAVRAS CHAVE:** Buda, arte contemporânea, contemplação.

### **INTRODUÇÃO**

A fé do homem em Deus, independente de como ele se manifesta, costuma oscilar entre conceitos como pecado e santidade, tempos e eras, políticas e geopolíticas divergentes. Até a história contemporânea era praticamente impossível que o homem escolhesse no que acreditar, posto que suas crenças e hábitos espirituais eram fruto da sociedade à sua volta, dos seus comportamentos e das suas idiossincrasias.

Com o advento das tecnologias, hoje temos acesso a diversas informações sobre mitos, crenças e práticas de diferentes países do mundo todo. É interessante notar que épocas tempestuosas costumam gerar questões filosóficas e existenciais, um exemplo disso foi o aumento de pesquisas sobre práticas de meditação durante a pandemia de COVID-19, entre 2020 e 2022.

Verificamos também, na mesma época, o surgimento de emergentes tribos virtuais, isto é, agregações sociais que se formam através das mídias e

---

<sup>1</sup> O título do artigo faz referência à música do artista brasileiro Criolo, de mesmo título.

<sup>2</sup> Mestra em Artes pela The New School for Social Research, em Nova Iorque. Possui especialização em Práticas Contemplativas e Mindfulness pela PUC-Rio.



redes digitais, independentemente da localização geográfica, apenas com o mesmo intuito e interesse de debate ou discurso. Baseado nos estudos de Simmel (2013), nos quais o homem se vincula a outro com o intuito de formar uma sociedade, podemos dizer que o ecossistema virtual também possibilita o fenômeno do tribalismo. O homem vive em sociedade pela sua possibilidade do discurso, das trocas sociais e do debate sobre as suas angústias e sentimentos vividos e experienciados.

O interesse por religiões não cristãs se dá de diversas formas, inclusive com caráter e olhar antropológico ainda colonial, tendo em vista o eurocentrismo dos centros acadêmicos e pesquisadores. Budismo e Hinduísmo, por exemplo, foram diversas vezes estudados e observados, porém sempre a distância, e, muitas vezes, com objetivo de retrato histórico do exótico.

Na cultura popular, o contato com culturas, práticas e fé orientais se intensificou apenas entre os anos 60 e 70 do século XX, com o movimento hippie. A Guerra do Vietnã, os Beatles meditando e seu integrante “mais zen”, George Harrison escrevendo “*My Sweet Lord*”, em 1970, após ir viver em *ashram* no norte da Índia, além do movimento conhecido como “contracultura”, foram de grande importância para entendermos como as pessoas vieram a se interessar pela cultura oriental e ainda como a compreendem.

O Oriente, tal como ocidentalmente conhecemos, é uma ideia, uma história imagética acerca de geografia, sociedade e cultura. Edward Said relata, em “*Orientalismo*” (2007), que é um erro (nosso) concluir que o Oriente seja essencialmente as ideias criadas através do olhar supostamente oposto, o Ocidental. Existem culturas e nações localizadas no Leste e suas histórias e costumes nos foram relatadas não de forma crua, mas estudadas pelas lentes de quem escreve a história.

As religiões orientais e suas práticas e ritos são constantes objetos de observação e estudo para os ocidentais. Talvez por certa contemplação



mística, o hinduísmo e o budismo principalmente, são vistos como caminho para o autoaperfeiçoamento. Segundo Weber (1997), o saber prático e a compreensão do sentido do mundo só é racionalmente alcançada através do domínio sobre si próprio, através de treino regular de corpo e mente, algo comum nos ritos religiosos e filosóficos orientais. Ainda segundo Weber, essa magia hinduísta-budista do encontro à iluminação é, certamente, um hábito de uma elite especializada, que tem como propósito a contemplação e se dedica a isto. Mesmo que a maioria da população de cultura asiática, leiga, não participasse necessariamente dos fundamentos espirituais de suas crenças, as fronteiras entre fé, misticismo, filosofia e cultura, são, em geral, descompromissadas em se distinguir, afinal, o método descarteano é originalmente ocidental.

Esse artigo busca e analisar obras ocidentais contemporâneas, através de uma pesquisa bibliográfica e documental e que trazem como tema a figura do Buda retratadas em imagens, mesmo que descontextualizadas de sua religião. A análise aqui feita busca compreender como os olhares ocidentais enxergam “O Iluminado”.

O interesse pelo exótico ou por uma fé ainda desconhecida para nós, ocidentais, é claro, se expande também para o digital e para as artes, por exemplo. Conforme Bauman afirma (2008), os limites concretos de espaço físico já não são importantes mais e o uso cada vez mais frequente de redes sociais nos possibilita diferentes formas de conexão. Assim, também ressaltamos que para a escrita deste artigo, as conexões criadas através de redes sociais foram de suma importância, pois foi através delas que tivemos acesso às obras observadas.

Segundo o filósofo Zizék (2004), as religiões, na atualidade, estão prontas para servir a busca pós-moderna do prazer, algo coerente com o materialismo sustentado pela indústria do consumo. A religião atualiza-se, então, abandonando características clássicas e caminhando em direção ao espírito da modernidade.



Desde o final do século XIX, inaugura-se uma nova tendência a compreender religião de forma integrativa, rejeitando regras rígidas estabelecidas por instituições (comuns no Cristianismo) e ampliando o termo “religiosidade” para filosofia de vida, na qual se é possível construir um repertório personalizado de crenças combinado ao nosso mundo secular. Esses movimentos têm importância na reinvenção do hinduísmo e do budismo, e na ampla divulgação de suas práticas para alcançar bem estar e saúde.

### **A CONTEMPLAÇÃO DECOLONIAL**

Contemplar, confere ação de meditar, olhar por muito tempo ou ainda olhar para si, segundo dicionário Priberam. A arte pode levar nossos olhares a diversos lugares, inclusive lugares de contemplação internos, nos quais questionamos valores, ideias e sentimentos. O fazer e ver arte tem muito do que contemplar. A arte, em sua distante história, possuía supostamente a capacidade de se fazer sentir, apenas, sem utilidade material proposta, a arte servia para ser arte e para ser contemplada.

Mais recentemente na história, vê-se obras de arte que brincam com os limites de sua aura, trazendo temas e questões políticas, religiosas, geográficas. A arte engajada, segundo Adorno (1973), desencanta o tradicional fetiche artístico, descompromissado com a realidade. A obra engajada pode ser datada, já que se localiza em tempo real, renunciando sua liberdade originariamente contemplativa.

Ainda no espectro das ideias de Adorno, o que importa da arte não é seu aspecto palpável, material. As significações são externas à obra. Contudo, ainda é importante distinguir “engajamento”, isto é, consciência de tendência. O engajamento brinca com os limites do seu terreno vizinho, a clareza explícita e sem graça daquilo que nos é óbvio.

As tecnologias de comunicação e entretenimento modernas e também a rapidez com que a informação circula produzem ambientes sócio-culturais com certa saturação de processos de percepção, devido à crescente



quantidade de estímulos recebidos. Recentemente, por exemplo, o pesquisador Jonathan Crary tem descrito, em seus trabalhos, os processos de otimização da atenção, diretamente relacionados às dinâmicas do capitalismo contemporâneo.

Nesse novo contexto, a ação de “contemplar” parece ganhar relevância, já que se contrapõe à tendência hegemônica cultural capitalista. O que antes era considerado uma experiência humana fundamental e comum, hoje toma ares de oração. A contemplação, esvaziada de sua normalidade, hoje é entendida como exercício que pode ser praticado, associado ao esforço rotineiro, de certa forma, como ir à academia.

### **O BUDA DO OCIDENTE**

As palavras meditação, mindfulness, budismo, nirvana, etc, tem se popularizado no Ocidente especialmente a partir dos anos 80. Músicos famosos foram meditar na Índia, uma banda de *grunge* optou por usar o termo religioso referente a “iluminação” para seu nome, escolas e universidades renomadas da Inglaterra e Estados Unidos criaram departamentos para estudar o budismo, suas culturas e suas práticas.

A popularização das práticas de atenção plena pode fazer parte de um processo de secularização das sociedades contemporâneas, já que, geralmente vem acompanhada de discursos científicos. Tal perspectiva torna a prática atrativa em ambientes laicos, mas ainda assim contribui para a disseminação dos saberes sobre budismo, ainda que isto seja um fenômeno novo na sociedade ocidental.

As obras aqui demonstradas e analisadas, a seguir, em geral propõem uma questão interessante: a relação arte e transformação de modos de existência. Desde os anos 60, o Ocidente começou a assimilar práticas tradicionalmente orientais como a yoga, por exemplo e, apesar de haverem limitantes imaturidades no caráter filosófico das propostas, ainda assim, é importante notar que esses conhecimentos vêm sendo absorvidos pelo mundo globalizado e capitalista, ainda de forma “fofa”, como exemplificado por Giselle



Beiguelman (2020), mas ainda assim de corpo presente. Beiguelman afirma que na contemporaneidade existem diversos tipos de capitalismo, dentre eles, uma versão “fofa” do mesmo conceito, no qual vemos ícones arredondados, “um mundo cor-de-rosa e azul-celeste, que se expressa a partir de onomatopeias, likes e corações” (p. 31).

O Buda, tal como conhecemos, comumente representado sentado, em postura de meditação, é ligeiramente acima do seu peso ideal, careca, sorridente, “fofinho” e usa trajes históricos tibetanos. A arte budista tradicional, no entanto, é mais plural em sua simbologia. Embora exista uma tradição na Índia de criar esculturas de rica iconografia, em seu primeiro momento, a arte budista não costumava representar o Buda com forma humana. Durante os primeiros séculos a.C. Buda era representado através de símbolos, que supostamente contêm anedotas e histórias de sua vida e filosofia.

As primeiras representações budistas do Buda antropomórfico surgem já no século 1 d.C., no norte da Índia, no Paquistão até próximo da antiga Macedônia, talvez até mesmo influenciadas pelas tradições helenísticas trazidas por Alexandre, o Grande, ao Ocidente. O Buda tal qual conhecemos tem descendência grega, segundo a teoria central de Foucher (1905). A cultura visual religiosa budista é riquíssima em variedade de manifestações e simbologias distintas, que se adaptaram ao longo dos séculos em diferentes culturas, inclusive existem obras vikings que retratam o Buda, produzidas aproximadamente nos anos 800. Alguns autores, incluindo Foucher, citado anteriormente, alegam que a disseminação e popularização das imagens do Buda ao longo da história tem a ver com uma possível tentativa de contato e comunicação com o mundo ocidental, a partir também dos impérios e países budistas. A história do comércio através da rota da seda é um bom exemplo do ocorrido, já que registrou-se certa dificuldade em comercializar em certas regiões devido à dominação romana e persa, por exemplo. Para melhor fluidez do comércio na região, era necessário encontrar mecanismos de comunicação,



de diálogo, no qual a tradição estatutária surge, já que servia para conjugar elementos de ambas as civilizações.

Hoje, mesmo ocidentais reconhecem a figura do Buda, sorridente e meditativo. E ainda mais, a usam em obras de caráter artístico ou mesmo em “pop art”.

Keith Haring<sup>1</sup>, artista norte-americano, nos anos 80 fez a obra intitulada “Chocolate Buddha”, uma série de 5 litogravuras, que retratam um Buda tribal, ancestral e ainda pop, quase saído de HQs. A série pode ser vista como excelente objetificação da ideia de capitalismo “fofo” de Beiguelman, trazida anteriormente.

Diversos outros artistas modernos e contemporâneos retrataram e ainda buscam inspirações orientais.

Alexej Jelenski<sup>2</sup>, célebre artista expressionista russo, representou o Buda em uma de suas obras, “Distant King: Buddha” e ainda o francês Odilon Redon<sup>3</sup> criou a obra “Intelligence was mine”. I became the Buddha”, uma ilustração hoje do Museum of Modern Art, de Nova Iorque, EUA.

Fora das galerias e paredes de museus renomados, a figura do Buda torna-se presente em pequenas lojas da Liberdade, em São Paulo e da Chinatown de Londres e Vancouver. Figura pop como latas de sopas Campbell, o Buda é uma celebridade dos artigos decorativos provenientes do “Far-East”. E Buda também toma as ruas, em grafites reconhecidos globalmente em São Paulo, no Beco do Batman, em Buenos Aires ou ainda em Bangkok, Tailândia.

---

<sup>1</sup> ver imagens em anexo.

<sup>2</sup> ver imagens em anexo.

<sup>3</sup> ver imagens em anexo.

Nas figuras abaixo, vemos duas imagens de grafites que mostram o nosso Buda, na primeira, esbanjando tamanho, escala e prosperidade e, na segunda, calado, por silêncio contemplativo do uso das máscaras de proteção durante a pandemia de Covid-19.



**Fonte:** [www.hisour.com/pt/buddhist-art-36345](http://www.hisour.com/pt/buddhist-art-36345)

Figuras sagradas, mitológicas e religiosas em suas representações costumam ser carregadas de simbologias, mesmo nas mais simples de suas imagens. Deus, afinal, é ele mesmo o centro do mundo, a fonte de toda criação e energia que atravessa a eternidade e o plano temporal terreno.

Ainda que mantivessem apenas as vestimentas tradicionalmente tibetanas, as poses dos dedos em mudras e os tons alaranjados e amarelos dos grafites, ainda assim, os mesmos parecem ter sido supostamente criados para contextualizar o tempo real do grafite na história global do homem. Um Deus, iluminado, ora, não se engajaram em tempo tão imutável.

---

<sup>1</sup> Grafite localizado em Buenos Aires, AR.



**Fonte:** <https://oglobo.globo.com/fotogalerias/coronavirus-inspira-arte-urbana-pelo-mundo-24338022>



**Fonte:** [www.guyhepner.com](http://www.guyhepner.com)

---

<sup>1</sup> Grafite localizado em Mumbai, Índia.

<sup>2</sup> Beatriz Milhazes, “O Buda”.



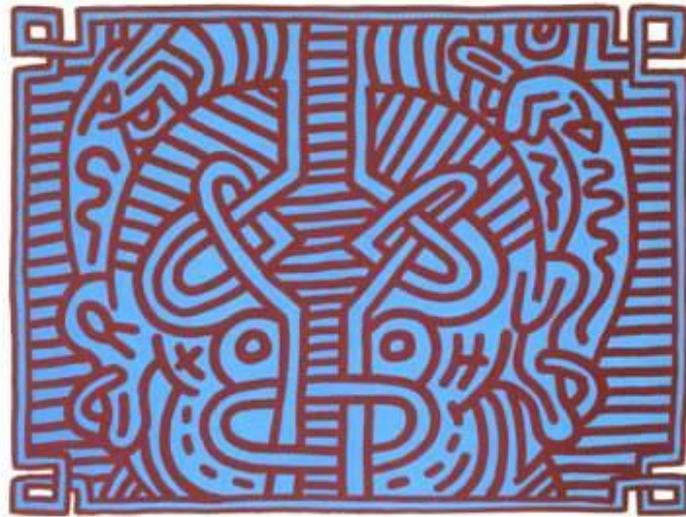
Já a obra de Beatriz Milhazes parece trazer o tema em questão sem tirar dele sua aura artística. Os círculos podem sugerir grupos, clãs, que ali dentro vivem ou ainda algo como uma energia solar, que faz com que o mundo gire (Campbell, 2010). Imagens de santos medievais detêm círculos ao redor de sua cabeça. A aura dourada ali literalmente representada. As flores podem ser o lótus iconográfico do Budismo, que renasce da lama e se reconstrói após o fim.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O Buda conceitual tibetano não possui forma imagética simbólica, em seu sentido “Iluminado”. Imagens, para os budistas, apenas nos ajudam a lembrar algo. Existe um senso de tolerância no Budismo que supostamente aceita que símbolos, assim como a vida, são mutáveis e impermanentes na história. Não se busca, na iconografia budista ou ainda na filosofia, apegar-se a conceitos, afinal, eles são também provisórios, são como passagens.

A obra engajada, segundo Adorno, desencanta seu fetiche. Assim, uma imagem de Buda, deslocada de templos, pode perder seu sentido sensível e caráter histórico, mas ainda nos é chamativa, pois permanece com a qualidade contemplativa da cultura que pode sair da academia e dos museus e tomar as ruas. Mesmo que a cada nova interpretação ocidental se perca as dimensões coletivas do que é o Budismo, como em uma tradução simples, ainda assim podemos observar que imagens e representações do Buda na arte podem também abrir portas de entrada a um novo conhecimento. Segundo Eagleton (1993), quando a vida social é antropologizada, ela torna-se cultura e assim talvez o Buda surja para o Ocidente, como ícone de uma cultura.

**ILUSTRAÇÕES:**



**Fonte:** Keith Haring - [moma.org](http://moma.org)



**Fonte:** Alexej Jelenski - [pinterest.com](https://www.pinterest.com)



**Fonte:** Odilon Redon - [www.wikiart.org/pt](http://www.wikiart.org/pt)

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. Engajamento. In: ADORNO, T. **Notas de literatura**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.
- Arte budista. Hisour. Disponível em: <<https://www.hisour.com/pt/buddhist-art-36345>>.
- ARMSTRONG, K. **Uma história de Deus**. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BAUDRILLARD, Jean. **A Sociedade do Consumo**. Lisboa: Ed. 70, 2008.
- BAUMAN, Z. **Vida para Consumo: A Transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BERGER, Peter. **Os múltiplos Altares da Modernidade**. Rumo a um paradigma da Religião numa época pluralista. Petrópolis: Vozes, 2017.
- BEIGUELMAN, G. **Coronavida: pandemia, cidade e cultura urbana**. São Paulo: ECidade, 2020.
- BYLAARDT, C. **Arte Engajada e arte autônoma no pensamento de Theodor Adorno**. Pandaemonium, 2013.
- CAMPBELL, H. **When religion meets new media**. London: Routledge, 2010.



CAMPBELL, J. **As máscaras de Deus**. São Paulo: Palas Athena Editora, 2008.

Corona vírus inspira arte urbana pelo mundo. O globo. 30/03/2020.

Disponível em :<<https://oglobo.globo.com/fotogalerias/coronavirus-inspira-arte-urbana-pelo-mundo-24338022>>

CRARY, J. **Suspensions of perception**: attention, spectacle and modern culture. Massachusetts: MIT Press, 2000.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

EAGLETON, T. A arte depois de Auschwitz: Theodor Adorno. In: EAGLETON, T. **A ideologia da estética**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

FOUCHER, A. **L'Art Gréco-Bouddhique du Gandhara**. Paris: Imprimerie Nationale, 1905.